



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**INSTITUTO DE LETRAS – IL**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS –**  
**LIP**

**LINGUAGEM NEUTRA: A REESTRUTURAÇÃO DO GÊNERO NO PORTUGUÊS**  
**BRASILEIRO FRENTE ÀS MUDANÇAS SOCIAIS**

**BRASÍLIA**

**2020**

LARISSA ROBERTA ROSA PINHEIRO

**LINGUAGEM NEUTRA: A REESTRUTURAÇÃO DO GÊNERO NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO FRENTE ÀS MUDANÇAS SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do título de licenciada em Letras-Português e respectivas literaturas na Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cíntia da Silva Pacheco

**BRASÍLIA**

**2020**

## **Linguagem neutra: A reestruturação do gênero no Português brasileiro frente às mudanças sociais.**

Larissa Roberta Rosa PINHEIRO (UnB)<sup>1</sup>

Cintia da Silva PACHECO (UnB)<sup>2</sup>

**Resumo:** A Língua Portuguesa passou por diversas transformações até chegar ao que conhecemos e falamos hoje. Por ser viva, mutável e dinâmica, não é incomum que alterações em sua estrutura aconteçam de tempos em tempos para acompanhar o desenvolvimento da sociedade. Nos últimos anos, um movimento em prol da adoção de uma terceira marca de gênero (neutra) que fosse capaz de representar e incluir as pessoas denominadas não binárias ascendeu no Brasil e no mundo. Este trabalho objetiva analisar o curso desse movimento, as transformações linguísticas ocorridas no interior da língua, bem como os impasses encontrados pelos falantes do Português brasileiro.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa. Terceira marca de gênero. Pessoas não binárias. Transformações linguísticas

**Abstract:** The Portuguese language has gone through several transformations until it reaches what we know and speak today. Because it is alive, changeable and dynamic, it's not uncommon that changes in its structure happen from time to time to accompany the development of society. In recent years, a movement in favor of the adoption of a third brand of gender (neutral), in addition to the existing ones - male and female - that was able to represent and include the so-called non-binary people has ascended in Brazil and the world. This work aims to analyze the course of this movement, the linguistic transformations that have occurred within the language, as well as the impasses encountered by portuguese speakers.

**Keywords:** Portuguese language. Third brand of gender. Non-binarian people. Language transformations.

### **Introdução**

No cenário contemporâneo do Brasil e do mundo, novas formas de ser, estar e se reconhecer como indivíduo surgem a todo momento. Com o advento da geração Z (primeira geração que cresceu na era tecnológica, composta por nascidos desde meados da década de 90 até o ano de 2010) e com a chegada do novo milênio, várias demandas sociais surgiram, requerendo atenção e olhar atento de todos os membros do corpo social. A linguagem neutra, ou inclusiva, é uma delas. Essa demanda surgiu por meio da fragmentação e do nascimento de várias identidades não binárias, termo que abarca todos aqueles que não se enquadram no

---

<sup>1</sup> Discente de Letras – Língua Portuguesa e respectiva Literatura – LIP/UnB; larissarrp16@gmail.com

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> no Depto. de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP/UnB; cintia.pacheco@unb.br

sistema binário vigente: o do gênero feminino e masculino. Logo, essas pessoas solicitam uma linguagem neutra como alternativa atenuante das diferenças geradas pela binariedade de gênero imposta pelo português padrão.

Em virtude da pandemia do Novo Coronavírus, que impôs severas restrições, inclusive locomotivas, e por se tratar de um tema relativamente novo, o desenvolvimento deste artigo seguirá um método de pesquisa com abordagem qualitativa, cujo objetivo é demonstrar, de maneira geral, os estudos e as pesquisas existentes nesta área e observar o impacto de tais discussões linguísticas. Por isso, foi realizado apenas um levantamento bibliográfico, sem investigação de campo.

Segundo Gerhardt e Siveira (2009, p. 32), “na pesquisa qualitativa, o desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas capazes de produzir novas informações”. Sendo assim, serão trazidos assuntos pertinentes ao estudo do gênero neutro e da linguagem inclusiva, visando a elucidação dos fatos sem o objetivo de quantificá-los.

Este trabalho, portanto, objetiva analisar o percurso do gênero do Latim até as implicações atuais, linguística e gramaticalmente falando, os conceitos de gênero e sexo, bem como as nuances que os separam, as novas formas de representar o gênero no Brasil e no mundo e ainda destrinchar o conceito de masculino genérico, através da relação entre gênero, língua e poder.

### **1. Análise diacrônica e sincrônica do gênero: percursos e apontamentos**

Na morfologia nominal do Latim havia três gêneros gramaticais: o masculino, o feminino e o neutro. Para diferenciá-los, podemos destacar que o feminino e o masculino eram usados para designar pessoas e objetos animados, enquanto o neutro, que ocupava a posição mais frágil, era usado para denominar seres inanimados (LUCCHESI, 2000, p. 164, apud PACHECO 2010, p. 36).

Devido a sua fragilidade, e por ser difícil distingui-lo formalmente dos substantivos masculinos e femininos, o gênero neutro do Latim, assim como duas das cinco declinações, desapareceu. A partir daí, os substantivos neutros foram, em sua maioria, transformados em masculinos de mesma declinação. Esse fato também possibilitou a mudança do gênero das árvores e de seus frutos, que no latim clássico eram femininos e neutros e, com a queda do

neutro, tornaram-se masculinos e femininos, respectivamente: ex. *pira* por *pirum*, *mala* por *malum* etc., para frutos, e *pirus*, *malus* etc., para árvores (ILARI, 1999).

Após a dialeção do Latim (movimento em que o Latim Vulgar, seja por razões internas – como mudanças fonológicas – ou externas – como contato entre línguas–, se diversificou, assumindo características distintas, que dependiam tanto da região em que era falado quanto do *status* ou da classe social da população falante) houve um processo de fragmentação e dispersão dessa língua, que resultou na formação de diversas línguas românicas, incluindo o português (ILARI, 1999).

Mattos e Silva (2006) aduz que o Português Arcaico (XIII – XV) marca o início da história da Língua Portuguesa, pois é nesse momento que essa língua surge documentada pela escrita. Conforme elucidada a autora, nesse período linguístico-histórico, o gênero era composto de três classificações: nomes de gênero único – tipo I, nomes de dois gêneros com flexão redundante – tipo II e nomes de dois gêneros sem flexão redundante – tipo III:

Como já via claro Fernão de Oliveira, será o artigo masculino ou feminino que sempre indicará o gênero do nome. Apenas para os nomes de tipo 2 é que se soma ao artigo a marca flexional do feminino < a > , que se oporá ao Ø, isto é, ausência de marca do masculino. Ausente o artigo, será a concordância com os **determinantes e qualificadores** que indicará o gênero do nome, núcleo do SN. Assim sendo, o gênero pode ser compreendido como um traço semântico inerente aos nomes substantivos, nunca será da escolha do falante. É assim hoje, era no período arcaico e isso herdamos do latim, em que a concordância com os adjetivos da primeira classe, com determinantes e qualificadores, que tinham flexões diferentes para o masculino, feminino e neutro, indicava o gênero do nome (MATTOS e SILVA, 2006, p. 102 e 103).

Já no Português Clássico (século XVI-XVIII), houve a publicação da *1ª grammatica da lingoagem portuguesa* de Fernão de Oliveira (1536). Nessa fase, a aplicação do gênero já se aproximava muito do que conhecemos no cenário contemporâneo. Segundo Oliveira (1536) apud Freitas (1997), no Português Clássico, admitia-se a existência de quatro gêneros: feminino, masculino, indeterminado (que aparecia em frases com o pronome *isto*) e comum (que aparecia em frases com as palavras *maior* e *menor*). É importante destacar que o gramático não admitia gênero neutro (OLIVEIRA, 1536, apud FREITAS, 1997).

### 1.1 O gênero para a Gramática Normativa

Conforme aclara a Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Cunha e Cintra (2013), “Há dois gêneros gramaticais em português: o MASCULINO e o FEMININO. O masculino é o termo não marcado; o feminino o termo marcado” (CUNHA e CINTRA, 2013, p. 202).

Segundo os gramáticos, pertencem ao gênero masculino todos os substantivos precedidos pelo artigo definido “o” átono, os nomes de homens ou de funções por eles exercidas e, ainda, os nomes de animais, lagos, montes, oceanos, rios e ventos. Os substantivos de gênero feminino, por outro lado, são, em regra, aqueles que terminam em “a” átono e, ainda, os nomes de mulheres, de funções por elas exercidas, os nomes de animais do sexo feminino, bem como os nomes de cidades e ilhas (CUNHA e CINTRA, 2013).

Além dessas classificações basilares, há também os substantivos que possuem uma única forma de apresentação para ambos os gêneros e são distinguidos apenas pelo artigo que os acompanha, chamados substantivos comuns de dois gêneros, a saber: < o artista; a artista /o estudante; a estudante> (CUNHA e CINTRA, 2013).

Cunha e Cintra (2013) mencionam, entre outros, os substantivos que tanto podem ser femininos, quanto masculinos, mas que mudam completamente de sentido a depender da escolha do artigo, quais sejam:< o cabeça; a cabeça / o capital; a capital>. Por fim, há aqueles denominados de substantivos de gênero vacilante ou incerto, que causam certa vacilação ou dúvida na escolha do artigo definido, por exemplo: < gengibre; diabete(s)>.

### 1.2 O gênero para a Linguística

A linguística pode ser entendida como a análise científica da linguagem humana e tem a língua como objeto de estudo. No Brasil, diversos intelectuais se dedicam ao estudo da Língua Portuguesa e de suas estruturas. Analisaremos adiante as contribuições, no que tange ao estudo do gênero para a linguística, realizadas por Mattoso Câmara Jr.

O importante linguista brasileiro se contrapõe aos estudos feitos pelos gramáticos tradicionais, pois, em seu trabalho, admite ser inadequado um critério de base sexual para determinar o gênero gramatical, critério esse tradicionalmente adotado em dicionários, manuais, livros didáticos e em diversos materiais especializados em língua portuguesa:

A flexão de gênero é exposta de uma maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português. Em primeiro lugar, em virtude de uma incompreensão semântica da sua natureza, costuma ser associada intimamente ao sexo dos seres. Ora, contra essa interpretação falam duas considerações fundamentais: uma é que o gênero abrange todos os nomes substantivos portugueses, quer se refiram a seres animais, providos de sexo, quer designem apenas «coisas», como casa, ponte, andaiá, femininos, ou palácio, pente, sofá, masculinos. [...] Depois, mesmo em substantivos referentes a animais ou pessoas há discrepância entre gênero e sexo [...] Assim, testemunha é sempre feminino, quer se trate de homem ou mulher, e cônjuge, sempre masculino, aplica-se ao esposo e à esposa. Para os animais, temos os chamados substantivos epicenos, como cobra, sempre feminino, e tigre, sempre masculino (CÂMARA JR, 2004, p. 87).

Ao definir gênero, Câmara Jr (2004, p. 87) aduz que “o gênero é uma distribuição, em classes mórficas, para os nomes, da mesma sorte que são as conjugações para os verbos”. Para o linguista, o gênero é imanente, ou seja, apresenta uma forma não marcada – masculino – e outra marcada – feminino –, que funciona como uma especialização do masculino. Sendo assim, para todo substantivo masculino, haverá um substantivo feminino semanticamente associado a ele: “jarra é uma espécie de «jarro», barca um tipo especial de «barco», como urso é a fêmea do animal chamado urso, e menina uma mulher em crescimento na idade dos seres humanos denominados como a de «menino»” (CAMARA JR., 2004, p. 87).

John W. Martin (1975), linguista canadense, publicou um artigo intitulado “*gênero?*” testificando a tese adotada por Câmara Jr. Nesse artigo, Martin aduziu que a concordância nominal é fator primordial para a existência do gênero no português brasileiro e negou a existência de gênero masculino e feminino em nossa língua, trazendo à tona o conceito de adjetivos marcados e não marcados:

No lugar de "gênero", então, fica o conceito de adjetivos marcados ou não marcados. Os marcados correspondem aos "femininos" da gramática escolar, e aparecem somente quando o adjetivo está relacionado a um substantivo marcante. Os não marcados aparecem EM TODAS AS OUTRAS CIRCUNSTÂNCIAS, haja ou não um substantivo a eles relacionado. É este último fato que determina que o assunto não seja uma mera questão terminológica, pois as conclusões dele decorrentes transformam dum modo essencial nossa maneira de encarar a categorização dos substantivos e o fenômeno da concordância adjetiva. (MARTIN, 1975, p. 8).

Sabemos que a gramática tradicional da Língua Portuguesa admite concordância em gênero, ou seja, adota a ideia de que um sujeito feminino exige um predicado feminino e um sujeito masculino exige um predicado masculino. Contudo, segundo Martin (1975), há frases que não possuem sujeito e, portanto, tornam-se, automaticamente, masculinas. Sendo assim, o

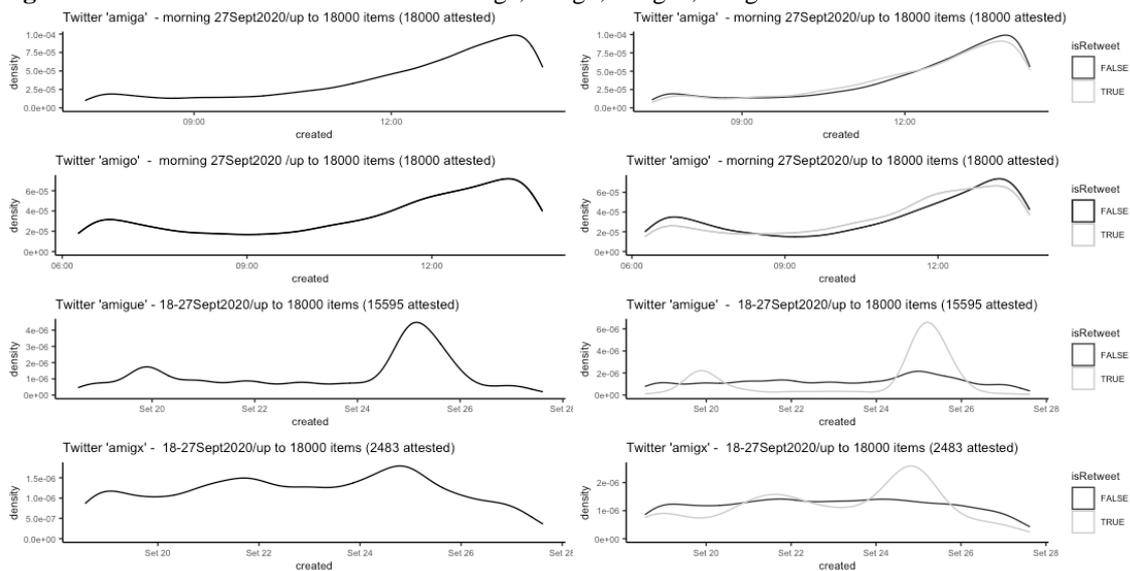
autor entende que as palavras masculinas são não marcadas e que o feminino é marcado e formado pelo acréscimo da desinência -a a uma palavra não marcada.

Sobre uma possível reestruturação da língua portuguesa para comportar a marcação neutra de gênero, Schwindt (2020) explica ser possível que o sistema linguístico brasileiro se sujeite a mudanças demandadas conscientemente pelos falantes e altere a morfologia de gênero no português, desde que tais alterações observem certo grau de espontaneidade e naturalidade, critérios indispensáveis para uma mudança gramatical deliberada.

A respeito dos conceitos de espontaneidade e naturalidade, o autor afirma não serem de fácil caracterização na Linguística. Define naturalidade como sendo um conceito que sofisticava o pressuposto de simplicidade das regras e limitações fonológicas da língua, acrescentando-lhe plausibilidade fonética. Aponta que, atualmente, o grau de espontaneidade pode ser medido por meio de redes sociais, blogs e outros expedientes virtuais, que ajudam a compreender o nível de propagação de tais mudanças linguísticas (SCHWINDT, 2020).

A fim de analisar a densidade do uso de formas inovadoras de gênero em postagens de redes sociais, o autor buscou no Twitter, rede social conhecida como microblog, pelas formas linguísticas ‘amiga’, ‘amigo’, ‘amigue’ e ‘amigx’, nos dias 18 a 27 de setembro de 2020. O gráfico abaixo mostra a densidade total de cada forma de representação (à esquerda) e a comparação entre a densidade de tweets e retweets (à direita):

**Figura 1:** Densidade de tweets e retweets amiga, amigo, amigue, amigx



Fonte: Schwindt (2020)

Sobre o resultado da análise, Schwindt (2020) destacou que:

Em relação às alternantes padrão, amigas e amigos, observa-se pequena diferença de frequência em favor da forma feminina, que alcança o limite máximo de 18.000 ocorrências em 6h e 57min, em contraste com a masculina, que alcança esse limite em 7h e 32min. A distribuição da densidade de amiga é também muito semelhante à de amigo. Retweets, como mostram os gráficos à direita, acompanham a curva dos tweets, sem indício de que atuem como impulsionadores do uso dessas variantes neste recorte de dados. Em relação às variantes inovadoras, amigue supera com larga vantagem a frequência de amigx, a primeira forma alcançando 15.595 ocorrências contra 2.483 da segunda em 10 dias. Para as duas variantes observa-se um pico de densidade entre os dias 24 e 26 de setembro, que pode ter sido impulsionado por retweets (SCHWINDT, 2020, p. 5 e 6).

A partir da análise dos dados obtidos com o exercício de observação do uso das formas inovadoras de gênero em postagens de redes sociais, o autor concluiu que o resultado obtido não é suficiente para contestar ou afirmar o caráter espontâneo de uma possível mudança para a inclusão de uma marca de gênero neutro no português brasileiro, mas que a pesquisa serve de reflexão acerca do papel dos formadores de opinião na propagação de uma mudança dessa natureza (SCHWINDT, 2020).

## **2. Desmistificando termos: a linha tênue entre sexo e gênero**

Gênero e sexo são palavras comumente confundidas e até mesmo fundidas. Muitas vezes, esses termos são erroneamente utilizados, o que causa incerteza em relação à real diferença existente entre eles. Para destrinchar esse assunto e trazer à tona os conceitos e as definições empregadas atualmente, analisaremos os estudos da antropóloga Miriam Pillar Grossi (1998) e da doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Jaqueline Gomes de Jesus (2012).

As autoras trazem uma concepção de sexo bastante semelhante. Ambas acreditam que o que define o sexo de um indivíduo são os órgãos genitais e reprodutores que lhe foram atribuídos ao nascer, sendo assim, o sexo pode ser entendido como um fator puramente biológico (GROSSI, 1998 e JESUS, 2012). Segundo Grossi (1998), “sexo é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre homens e mulheres” (GROSSI, 1998, p. 12). Jesus (2012) afirma que “para a ciência biológica, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozoides, logo, macho; grandes: óvulos, logo, fêmea)” (JESUS, 2012, p. 8).

A categoria de gênero é uma das mais complexas devido às muitas nuances que possui, estando, ainda, agrupadas nela duas subcategorias: os papéis e as identidades. Dito isso, o gênero pode ser entendido como um conjunto de expectativas e determinações sociais pré-estabelecidas, que norteiam como deve ser o comportamento, o pensamento, os gostos, e até mesmo a personalidade dos indivíduos de acordo com o sexo que nasceram (GROSSI, 1998).

Sobre esse conceito, Grossi (1998) afirma que “gênero é uma categoria usada para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual”. (GROSSI, 1998, p. 5), e, ainda, que “gênero é um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (que nomeamos de papéis sexuais)” (GROSSI, 1998, p. 12).

Dessarte, podemos entender gênero como uma convenção social volátil e mutável tanto em tempo quanto em espaço, que é influenciada e determinada totalmente pelo convívio social, e se diferencia do sexo por ser socialmente definido, enquanto este é definido biologicamente (GROSSI, 1998).

## **2.1 Papéis de gênero**

Os papéis de gênero definem o que é ser homem e o que é ser mulher em determinada cultura, época, comunidade ou país. Essas definições, impostas pelo corpo social, funcionam como uma espécie de *script* a ser seguido por pessoas dos sexos feminino e masculino.

Na sociedade brasileira, por exemplo, esse *script* é bem definido. Mesmo antes de nascer, assim que o sexo de um bebê é revelado, cria-se uma expectativa a respeito de como essa criança deve ser. Se for menina, ela ganha roupas, presentes, artigos de decoração nas cores rosa, lilás ou amarelo e os brinquedos também são bem característicos: bonecas, ursos, e quando começa a crescer, mais boneca, fogãozinho, casinha, entre outros. No caso dos meninos, isso também acontece: eles ganham roupas e itens de decoração nas cores azul e verde e os brinquedos são carrinhos, bola, skate, bicicleta, entre outros.

Além de determinar todos esses fatores externos, os papéis de gênero definem também fatores internos e comportamentais, como o jeito de agir e de se comportar. É socialmente

esperado que as mulheres sejam calmas, dóceis, gentis, delicadas, enquanto os homens, por sua vez, devem ser fortes, ágeis, competitivos e até mesmo hostis.

Sobre esse tema, Grossi (1998) aduz:

Papel é aqui entendido no sentido que se usa no teatro, ou seja, uma representação de um personagem. Tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura é considerado papel de gênero. Estes papéis mudam de uma cultura para outra. A Antropologia, que tem como objetivo estudar a diversidade cultural humana, tem mostrado que os papéis de gênero são muito diferentes de um lugar para outro do planeta (GROSSI, 1998, p. 6).

Jesus (2012) discorre ainda que:

Mulheres de países nórdicos têm características que, para nossa cultura, são tidas como masculinas. Ser masculino no Brasil é diferente do que é ser masculino no Japão ou mesmo na Argentina. Há culturas para as quais não é o órgão genital que define o sexo. Ser masculino ou feminino, homem ou mulher, é uma questão de gênero. Logo, o conceito básico para entendermos homens e mulheres é o de gênero. Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas (JESUS, 2012, p. 8).

A partir dos conceitos de papéis de gênero apresentados pelas autoras, podemos inferir que eles são voláteis e se alteram em algumas circunstâncias. É importante destacar também que os fatores biológicos que definem sexo devem ser diferenciados dos fatores sociais que definem gênero, entendendo este como uma representação daquele.

## **2.2 Identidades de gênero**

As identidades de gênero são entendidas como as várias formas de auto-percepção vivenciadas e sentidas por um indivíduo (JESUS, 2012). A psicóloga Jaqueline Gomes de Jesus (2012), ao discorrer sobre identidades, traz os conceitos de trans e cisgênero. Segundo ela, “chamamos de cisgênero, ou de ‘cis’, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento” (JESUS, 2012, p. 10). A respeito do conceito de trans, ela diz “denominamos as pessoas que não são identificam com o gênero que lhes foi determinado no nascimento como transgênero, ou ‘trans’” (JESUS, 2012, p. 10).

A autora discorre ao longo do livro a respeito do conceito de trans supramencionado: “mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher. Homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem” (JESUS, 2012, p. 15):

Cada pessoa transexual age de acordo com o que reconhece como próprio de seu gênero: mulheres transexuais adotam nome, aparência e comportamentos femininos, querem e precisam ser tratadas como quaisquer outras mulheres. Homens transexuais adotam nome, aparência e comportamentos masculinos, querem e precisam ser tratados como quaisquer outros homens. Pessoas transexuais geralmente sentem que seu corpo não está adequado à forma como pensam e se sentem, e querem “corrigir” isso adequando seu corpo à imagem de gênero que têm de si. Isso pode se dar de várias formas, desde uso de roupas, passando por tratamentos hormonais e até procedimentos cirúrgicos (JESUS, 2012, p. 15).

A antropóloga Miriam Grossi (1998) também discorre sobre o tema:

Um psicólogo norte-americano chamado Robert Stoller (1978), o qual estudou inúmeros casos de indivíduos considerados à época “hermafroditas” ou com os genitais escondidos e que, por engano, haviam sido rotulados com o gênero oposto ao de seu sexo biológico, diz uma coisa impressionante: que é “mais fácil mudar o sexo biológico do que o gênero de uma pessoa”. Para ele, uma criança aprende a ser menino ou menina até os três anos, momento de passagem pelo complexo de Édipo e pela aquisição da linguagem. Este é um momento importante para a constituição do simbólico, pois a língua é um elo fundamental do indivíduo com sua cultura (GROSSI, 1998, p. 8).

Ainda sobre identidades de gênero, Grossi (1998) complementa que:

Para Stoller (1978), todo indivíduo tem um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino. Este núcleo não se modifica ao longo da vida psíquica de cada sujeito, mas podemos associar novos papéis a esta “massa de convicções”. Este núcleo de nossa identidade de gênero se constrói em nossa socialização a partir do momento da rotulação do bebê como menina ou menino. Isto se dá no momento de nascer ou mesmo antes, com as novas tecnologias de detectar o sexo do bebê, quando se atribui um nome à criança e esta passa a ser tratada imediatamente como menino ou menina. A partir deste assinalamento de sexo, socialmente se esperarão da criança comportamentos condizentes a ele. Caso tenha havido um erro nesta rotulação inicial (em raros casos de intersexualidade ou “hermafroditismo”, como trata Stoller), será praticamente impossível mudar a identidade de gênero deste indivíduo após os três anos de idade, uma vez que ele tiver superado a fase do complexo de Édipo, momento no qual todo ser humano descobre que é único e não a extensão do corpo da mãe (GROSSI, 1998, p. 8).

Sendo assim, a partir dos aspectos supracitados, podemos inferir que pessoas cis são aquelas que nasceram em um determinado sexo e se reconhecem com esse corpo, com esse

sistema genital e reprodutor e, conseqüentemente, com o gênero que lhes foi atribuído. As pessoas trans, por sua vez, nasceram em um sexo, porém não se reconhecem nem se identificam com o corpo, com os órgãos genitais e respectivos aparelhos reprodutores, tampouco com o gênero que lhes foi designado. Por isso, na maioria das vezes, as pessoas trans são submetidas à cirurgia de redesignação sexual. É importante destacar que essa cirurgia objetiva a mudança para o gênero oposto já existente – feminino ou masculino (JESUS, 2012).

### **3. A não binariedade e a teoria do terceiro gênero**

A teoria do terceiro gênero nasceu a partir da percepção de que nem todos os indivíduos se encaixavam em um dos dois gêneros já existentes: feminino e masculino. Há aqueles que não se identificam com o gênero que lhes foi designado, e, depois de terem passado por todos os tratamentos hormonais e procedimentos cirúrgicos, conseguem se reconhecer de acordo com o novo gênero que lhes faz sentir confortáveis e adequadas.

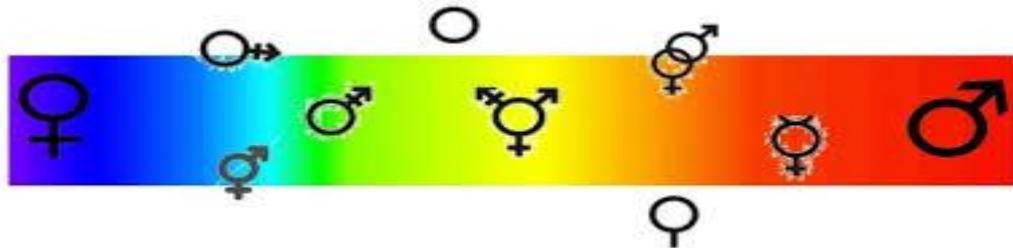
Contudo, existem pessoas que não se identificam totalmente nem com o gênero masculino nem com o feminino. Roweder (2015) afirma que “o terceiro gênero é uma alternativa neutralizante das diferenças geradas pelo gênero. Assim, aqueles que não se sintam estritamente masculinos ou femininos possuem uma terceira margem, denominada de terceiro gênero” (ROWEDER, 2015, p. 59).

Ainda nessa linha, o autor aduz que “com o terceiro gênero seria possível optar, ainda que temporariamente, por um gênero neutro, sem as amarras ligadas ao masculino ou ao feminino” (ROWEDER, 2015, p. 60):

Diferentemente da transsexualidade, que consiste na alternância entre os gêneros já existentes, a teoria do terceiro gênero pretende abrir possibilidades inteiramente inovadoras, criando um novo gênero. Esse novo gênero não se identifica completamente nem com o masculino, nem com o feminino, nem com todas as suas derivações já vistas neste trabalho. Essa terceira opção, que vai além do masculino e do feminino, já começa a ser percebida em algumas nações desenvolvidas e denota uma evolução no conceito de gênero (ROWEDER, 2015, p. 60).

REIS e PINTO (2016) analisam gênero como um espectro, o entendem como “flutuante na linha entre os polos feminino e masculino” (REIS e PINHO, 2016, p. 14) e assumem que, em alguns casos, o gênero pode até mesmo que abandonar essa linha (REIS e PINHO, 2016):

**Figura 2** - Espectro de gênero



Fonte: Reis e Pinho (2016)

O polo vermelho simboliza a identidade 100% feminina e o azul, a 100% masculina. Nas cores do espectro entre os polos e fora da linha, se localizam os inúmeros gêneros não binários – meramente representados por alguns ícones já definidos (REIS e PINHO, 2016, p. 14).

Reis e Pinho (2016) conceituam as várias identidades não binárias que ultrapassam o espectro de gênero:

Para exemplificar a multiplicidade das identidades não-binárias de gênero, podemos observar casos como (ESPECTOMETRIA não-binária, 2015): bigênero: pessoas que são totalmente de dois gêneros, sem que haja, entretanto, uma mescla bem delimitada entre os dois; qualquer combinação de gêneros é possível, não apenas a combinação feminino com masculino; agênero: identidade onde os indivíduos vivenciam ausência de gênero; tem sinônimos como não-gênero ou genderless; demigênero: termo para vários gêneros onde pessoas leem suas identidades como sendo parcialmente femininas ou masculinas e parcialmente alguma identidade não-binária; ou ainda, parcialmente agênero e parcialmente alguma outra identidade não-binária; pangênero: identidade que se refere a uma grande gama de gêneros que pode ultrapassar a finitude do que entendemos atualmente sobre gênero; e gênero fluido: identidade de pessoas que possuem o espectro de gêneros em constante mudança, não sendo restrito a dois gêneros apenas (REIS e PINHO, 2016, p. 15).

Os autores, ao definir os não binários, afirmam que eles não serão exclusiva e totalmente mulher ou exclusiva e totalmente homem, “mas irão permear em diferentes formas

de neutralidade, ambiguidade, multiplicidade, parcialidade, ageneridade, outrogeneridade, fluidez em suas identificações” (REIS e PINHO, 2016, p. 14).

#### **4. O gênero gramatical: novas representações na fala e na escrita**

##### **4.1 Ile/dile**

“A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p. 13). Essa frase do pedagogo Paulo Freire (1989) abre caminhos para o que vamos tratar a seguir. A linguagem é um mecanismo que nos permite interagir com o mundo ao nosso redor e interpretar a realidade em que vivemos. Margarida Petter (2007) define a linguagem verbal como “a matéria do pensamento e o veículo da comunicação social. A linguagem é relativamente autônoma; como expressão de emoções, ideias, propósitos, no entanto, ela é orientada pela visão de mundo, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante” (PETTER, 2007, p. 11).

Como vimos na seção 1.1, “O gênero para a gramática normativa”, os gêneros gramaticais no português brasileiro são dois: masculino e feminino, sendo o masculino o gênero não marcado e o feminino marcado pela desinência –a. Esse sistema linguístico que regula e estabelece as regras gramaticais do país é rígido e tradicional e não costuma ser influenciado pelas mudanças sociais e pela conduta dos falantes daquela região.

Se, como disse Petter (2007, p. 11), a linguagem é a “expressão de emoções, ideias, propósitos e é orientada pela visão de mundo, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante”, como a gramática normativa pode acolher aqueles que estão à margem do espectro de gênero? Como as emoções, as ideias e os propósitos de uma pessoa não binária (bigênera, multigênera, pangênera etc) podem ser representados em uma linguagem que marca o gênero em “masculino e feminino”, “todas e todos”, “senhoras e senhores”?

Em 2015, os autores Pri Berlucci e Andrea Zanella publicaram o “Manifesto ILE para uma comunicação radicalmente inclusiva” como tentativa de implementar uma forma nova e

integradora que representasse as especificidades daqueles que não se enquadram no espectro de gênero. Os autores observaram que, nos últimos anos, surgiu a necessidade de um pronome em português que seja sem gênero, a fim de evitar que as pessoas fossem separadas ou definidas por essa classificação. Eles repararam ainda que a língua portuguesa não previu que tais mudanças ocorreriam e aduziram, portanto, que a norma não é suficientemente flexível para designar alguém que não se sente nem homem, nem mulher, ou quem vive seu gênero de uma forma fora do padrão.

A essa altura, já entendemos que os pronomes ele/ela, dele/dela não contemplam todas as formas de ser, estar, pertencer e se reconhecer no gênero. Por isso, com o objetivo de incluir o máximo de pessoas possível, os autores do “Manifesto ILE para uma comunicação radicalmente inclusiva” sugeriram o pronome de gênero neutro “ILE” como uma alternativa que fuja da binariedade determinada pela gramática tradicional.

Quanto à escolha do “ILE”, os autores explicam que, no processo de criação e análise, tiveram como referência o pronome demonstrativo neutro “*illud*”, do Latim, e constataram que o “i” no início do pronome daria a sensação de neutralidade juntamente com o “e” no final, formando, assim, o pronome neutro “ILE”. Segundo eles, essa forma linguística apresentaria poucos problemas gramaticais, na pronúncia, na escuta, na escrita e na identificação visual, além de possuir semelhança com os pronomes já existentes no português.

#### 4.2 Elu/delu

Segundo Cassiano (2020), uma alternativa funcional para o uso da linguagem neutra é o pronome “elu”, que, assim como o “ile”, citado acima, abrange e representa as pessoas não binárias ou que não se enquadram no espectro de gênero, substituindo os pronomes “ela” e “ele”, existentes no português brasileiro, por “elu” e suas variantes “delu”, “nelu”, “aquelu”.

O Guia para “Linguagem Neutra” (PT-BR), de Ophelia Cassiano (2020), traz algumas alternativas de uso da linguagem neutra, conforme a tabela a seguir:

**Quadro 1** - Alternativas de uso da linguagem neutra

|   |   |
|---|---|
| <p>Substituição das contrações (preposição + pronome) “nela(s)” ou “nele(s)” por “nelu(s)”.</p> <p><i>Pronuncia-se como “nêlu” ou “nélu”, semelhantemente</i></p> | <p>Eu estava pensando nele de manhã. → <b>Eu estava pensando nelu de manhã.</b></p> <p>Sam deu um beijo nela. → <b>Sam deu um</b></p> |
|---|---|

|   |   |
|---|---|
| <p>ao pronome “<i>elu</i>”.</p>   | <p><b>beijo nelu.</b></p>   |
| <p>Substituição dos pronomes demonstrativos “aquela(s)” ou “aquele(s)” por “aquelu(s)”.</p> <p><i>Pronuncia-se como “aquêlu” ou “aquélu”, semelhantemente ao pronome “elu”.</i></p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aquela menina é minha filha. → <b>Aquelu menino é minhe filhe.</b></li> <li>• Aquela moça trans não-binária me ensinou. → <b>Aquelu moce trans não-binárie me ensinou.</b></li> </ul>  |
| <p>Substituição dos pronomes pessoais oblíquos “-la(s)”/“-lo(s)” por “-le(s)” e “-na(s)”/“-no(s)” por “-ne(s)”.</p>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quando nos revermos, vou abraçá-lo tanto. → <b>Quando nos revermos, vou abraçá-le tanto.</b></li> <li>• Encontraram-nas plantando árvores. → <b>Encontraram-nes plantando árvores.</b></li> </ul>  |
| <p>Substituição dos artigos definidos “a(s)” e “o(s)” pelo artigo “ê(s)”.</p>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Eu vi <b>a</b> menina pulando corda. → <b>Eu vi ê menino pulando corda.</b></li> <li>• Então, eu sou <b>a</b> dona daqui e ele é <b>o</b> gerente. → <b>Então, eu sou ê done daqui e elu é ê gerente.</b></li> <li>• <b>O</b> garçom anotou seu pedido? → <b>Ê garçone anotou seu pedido?</b></li> </ul> |
| <p>Substituição das contrações (preposição + artigo) “à(s)” ou “ao(s)” por “ae(s)”</p>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Entregue ao porteiro esses papéis. → <b>Entregue ae portaire esses papéis.</b></li> <li>• Realizaram uma homenagem aos professores. → <b>Realizaram uma homenagem aes professories.</b></li> </ul>   |

|   |   |
|---|---|
| <p>Quando a palavra termina em “-a” ou “-o”, substitui a desinência por “-e”.</p>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Menino(a). → <b>Menine.</b></li> <li>• Garota(o). → <b>Garote.</b></li> <li>• Moço(a). → <b>Moce (sem“ç”).</b></li> <li>• Adulta(o). → <b>Adulte.</b></li> <li>• Velho(a). → <b>Velhe.</b></li> <li>• Filho(a). → <b>Filhe.</b></li> <li>• Tia(o). → <b>Tie.</b></li> <li>• Aluno(a). → <b>Alune.</b></li> <li>• Todos(as). → <b>Todes.</b></li> <li>• Querido(a). → <b>Queride.</b></li> <li>• Namorado(a). → <b>Namorade.</b></li> <li>• Marido(a) / Esposo(a). → <b>Maride / Espose.</b></li> <li>• Apaixonada(o). → <b>Apaixonade.</b></li> <li>• Dona(o). → <b>Done.</b></li> <li>• Bem-vindo(a). → <b>Bem-vinde.</b></li> <li>• Obrigada(o). → <b>Obrigade.</b></li> </ul> |
| <p>Quando a palavra termina em “-r” no masculino e “-ra” no feminino, substitui a desinência por “-re”.</p> <p>No plural, quando termina em “-res” no masculino e “-ras” no feminino, substitui a desinência por “-ries”.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Professor(a). → <b>Professore.</b></li> <li>• Professores(as). → <b>Professories.</b></li> <li>• Pintor(a). → <b>Pintore.</b></li> <li>• Pintores(as). → <b>Pintories.</b></li> <li>• Trabalhador(a). → <b>Trabalhadore.</b></li> <li>• Trabalhadores(as).<br/>→ <b>Trabalhadories.</b></li> <li>• Administrador(a).<br/>→ <b>Administradore.</b></li> <li>• Administradores(as).</li> </ul>   |

Fonte: Cassiano (2020)

### 4.3 Uso de caracteres especiais na escrita

Uma das formas usuais de utilização da linguagem neutra é o uso do “x” e do “@”, substituindo “a” e “o”, como, por exemplo: “amigxs/amig@s”, “meninx/menin@”, ao invés de “amiga/amigo”, “menina/menino”. Contudo, essas formas de neutralização do pronome apresentam diversos desafios, principalmente em relação à oralidade.

Sobre o uso do X, Juno (2014) diz:

Quanto mais simples e direta for a nossa linguagem, melhor poderemos nos fazer entender. Quando a intenção é fazer textos fáceis e didáticos, o X pode ser um constante entrave para quem está lendo. O X não é pronunciável. Nós não podemos, em voz alta, usar o X. Isso é problemático especialmente para pessoas trans\* não-binárias, para quem essa vocalidade é necessária no dia-a-dia. O X não transformará a linguagem. Se o X é restrito à língua escrita, então ele não irá alterar a forma como falamos! Isso significa que ele não influenciará como, no dia-a-dia, nos referimos às pessoas, e que no fim das contas nós continuaremos a nos tratar de forma generificada (JUNO, 2014, p. 3).

Conforme aduziu o autor, essa forma de linguagem não é funcional, pois esses caracteres dificultam a leitura e a pronúncia das palavras e não são legíveis por tecnologias assistivas e softwares de leitura, uma vez que os programas, muitas vezes, não conseguem reconhecer o que está escrito, além de prejudicarem as pessoas com deficiências visuais que utilizam programas de leitura através de som e os indivíduos com dislexia (JUNO, 2014).

De acordo com o que explicitou Juno (2014), o uso correto da linguagem neutra, por meio de construções simples e diretas, é essencial para que as pessoas não binárias se façam entender. Contudo, alguns manuais de linguagem neutra apresentam equívocos que vão de encontro à proposta de uma linguagem realmente inclusiva, os quais listarei a seguir.

O Home Box Office, mais conhecido como HBO, famoso canal de TV por assinatura norte-americano, lançou em 2020 a série brasileira “Todxs Nós<sup>3</sup>”, que retrata a história de Rafa, jovem pansexual que decide sair do interior para morar na Grande São Paulo. Utilizando os aprendizados obtidos a partir da realização da série, com o apoio de especialistas, linguistas e baseando-se no Manifesto ILE para uma comunicação radicalmente inclusiva (2015), a emissora redigiu o Guia Todxs Nós de Linguagem Inclusiva (2020), com o objetivo de promover o debate a respeito de práticas discursivas que validem e deem visibilidade às pessoas não binárias.

O primeiro equívoco do Guia produzido pela HBO diz respeito a quem ele é dirigido. Segundo a emissora, “este guia é um manual com uma proposta de reflexão para jornalistas e pessoas influenciadoras. Pessoas que têm na comunicação seu ofício, profissionalmente ou por paixão” (Guia Todxs Nós de Linguagem Inclusiva, p. 2). O público-alvo do Guia é

---

<sup>3</sup> Série brasileira produzida em 2020 pelo canal por assinatura HBO.

restrito e bastante limitado, tendo em vista que seria coerente um guia de linguagem inclusiva que se destinasse, principalmente, às pessoas não binárias.

Outro aspecto importante a ser observado no Guia da emissora é que ele afirma que a linguagem neutra produz “reflexões sobre o uso de uma linguagem que promove equidade de gênero, respeita e inclui mulheres, pessoas negras, pessoas com deficiência e LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexuais e Aliades)” (Guia Todxs Nós de Linguagem Inclusiva, p. 7). Devido à falta de informação concreta e de uma regulamentação da linguagem neutra, o seu uso tem sido indiscriminado e sem quaisquer critérios, principalmente no ambiente virtual, causando confusão a respeito do seu uso. A meu ver, embora mulheres, pessoas negras e com deficiência façam parte da minoria e devam ser contempladas com políticas públicas que promovam o seu bem-estar, a linguagem neutra não parece ser uma delas, a menos que essas pessoas sejam não binárias.

## **5. Políticas públicas de implementação do gênero neutro no mundo**

Nos últimos anos, com o advento da geração Z, as demandas que ambicionam o fim de posturas discriminatórias e desiguais no que diz respeito à diversidade de gênero se intensificaram. Por esse motivo, governantes de todo o mundo iniciaram um processo de inserção de políticas públicas que garantam direitos e reconheçam múltiplas possibilidades de gênero.

Em 2012, a Alemanha, através do seu Conselho de Ética, aprovou a inclusão de uma terceira categoria de gênero, possibilitando, desse modo, que bebês recém-nascidos sejam registrados sem sexo definido e que pessoas adultas possam alterar o próprio gênero por meio da transgenitalização. Além disso, o país adotou linguagem neutra para se dirigir às pessoas não binárias:

A própria língua alemã já promovia algumas facilidades que auxiliaram na promoção do novo gênero. Além do pronome masculino (der) e feminino (die), a língua alemã ainda possui um pronome neutro (das). Assim não surgiram dificuldades lingüísticas de como se referir às pessoas que não se identificam nem com o gênero masculino nem com o feminino (ROWEDER, 2015, p. 62).

Na Índia, a questão do terceiro gênero está mais avançada se comparada a outros países. Isso acontece porque no hinduísmo, religião com mais adeptos no território indiano, os espectros de gênero são separados por uma linha muito tênue, não existindo muros que os segreguem. Sendo assim, a Índia adota três variações de gênero: masculino, feminino e neutro

– uma mistura dos dois primeiros. De acordo com a dinâmica adotada pelo país, “aqueles que se identificam na área cinzenta entre o masculino e o feminino são denominados de “Hijras” e não tendem a agir como um homem ou mulher comum, mas de uma maneira própria” (ROWEDER, 2015, p. 46). Sobre o terceiro gênero no hinduísmo, nota-se:

[...] O que existe é um forte conceito de terceiro gênero, que é usado para descrever indivíduos que apresentam fortes elementos tanto de macho como de fêmea em si mesmos. De acordo com textos sânscritos como o Narada-smriti, o Sushruta Samhita, etc., esse terceiro sexo ou gênero inclui indivíduos convencionalmente denominados homossexuais, transgêneros, bissexuais e intersexuais (LGBTI). O terceiro gênero é descrito em antigos textos Védicos como homens que têm uma natureza feminina, referindo-se a homens homossexuais ou que se identifiquem com o gênero feminino (VIULA, 2015 apud ROWEDER, 2015, p. 45 e 46).

A Suécia também adotou um pronome de gênero neutro em seu idioma. Após uma série de discussões e consultas públicas a respeito da escolha do pronome e suas eventuais consequências, em 2015 foi inserido na Academia Sueca Glossário (SAOL) o pronome de gênero neutro “hen” junto aos pronomes de gênero masculino “han” e feminino “hon” (BÄCK, LINDQVIST e SENDÉN, 2018).

No italiano, ainda não há padronização formal a respeito do uso do gênero neutro. Contudo, enquanto esperam que um consenso seja estabelecido, usa-se *asterisco* (\*) para neutralizar frases escritas e “u” para faladas. Também é comum o uso do “loro”, que embora pareça bastante popular com algumas pessoas de comunidades LGBTQ +, pode soar muito formal (VITIELLO, 2020).

Os Estados Unidos da América não formalizaram que pronome de gênero neutro deve ser usado no país. Segundo Aw Geiger e Nikki Graf (2019), colunistas do jornal Pew Research Center, aproximadamente um em cada cinco adultos americanos conhece alguém que usa um pronome de gênero neutro. O uso da linguagem não binária, porém, é mais comum entre os adultos mais jovens. A Universidade de Wisconsin elaborou uma tabela com as opções mais usadas entre os americanos para neutralizar o gênero:

**Figura 3** – Gênero neutro no inglês

**LEARN THE TYPICAL FORMS THAT NONBINARY GENDER PRONOUNS CAN TAKE.**

The following chart provides examples of some nonbinary gender pronouns in a variety of forms.

| Pronouns of reference | Nominative (subject)                                    | Objective (object)            | Possessive determiner   | Possessive pronoun                       | Reflexive                               |
|-----------------------|---|-------------------------------|---|--|---|
| they/them/theirs      | <i>They</i> wrote a carefully-researched article.       | I cited <i>them</i> .         | <i>Their</i> carefully-researched article won an award.       | That research is <i>theirs</i> .         | They cited <i>themselves</i> .          |
| ey/em/eirs            | <i>Ey</i> wrote a carefully-researched article. ("ay")  | I cited <i>em</i> .           | <i>Eir</i> carefully-researched article won an award. ("air") | That research is <i>eirs</i> . ("airs")  | Ey cited <i>emself</i> .                |
| ze/hir/hirs           | <i>Ze</i> wrote a carefully-researched article. ("zee") | I cited <i>hir</i> . ("heer") | <i>Hir</i> carefully-researched article won an award.         | That research is <i>hirs</i> . ("heers") | Ze cited <i>hirsself</i> . ("heerself") |
| ze/zir/zirs           | <i>Ze</i> wrote a carefully-researched article. ("zee") | I cited <i>zir</i> . ("zeer") | <i>Zir</i> carefully-researched article won an award.         | That research is <i>zirs</i> . ("zeers") | Ze cited <i>zirsself</i> . ("zeerself") |
| co/co/co's            | <i>Co</i> wrote a carefully-researched article.         | I cited <i>co</i> .           | <i>Co's</i> carefully-researched article won an award.        | That research is <i>co's</i> .           | Co cited <i>coself</i> .                |

Chart adapted from "Gender Pronouns," LGBT Resource Center, University of Wisconsin, 23 March 2018.  
<http://bit.ly/UWPronouns>

Fonte: University of Wisconsin (2017)

O Canadá, nação bilíngue cujos idiomas oficiais são inglês e francês, também adotou o uso de pronomes neutros. No inglês, são usados os mesmos pronomes comuns nos Estados Unidos, com mais ênfase nos *they/their/theirs* e *ze/hir/hirs* (ALLEN, 2016). E no francês, foi sugerida a utilização da terceira pessoa do singular e a substituição de *an* por *un/une* para representar neutralidade<sup>4</sup>. O país, que está bastante engajado na luta pela inclusão linguística e

<sup>4</sup> AUSSANT, Laurent. **Respecter la non-binarité de genre en français**. Disponível em: <https://www.noslangues-ourlangues.gc.ca/fr/blogue-blog/respecter-la-non-binarite-de-genre-fra>>. Acesso em: 15 dez 2020.

social, recentemente aprovou um projeto de lei que adapta trechos do seu hino nacional para incluir pessoas não binárias<sup>5</sup>, além de implementar o terceiro gênero: X<sup>6</sup>.

No espanhol, a Academia Real Espanhola (RAE), por meio do Observatório de Palavras, portal que reúne palavras, termos e expressões frequentemente pesquisados, mas que ainda não estão no Dicionário de Língua Espanhola (DLE), incluiu o pronome de gênero neutro *elle* como alternativa para os pronomes *el/ella*. Contudo, após uma confusão a partir da inclusão do pronome neutro, o Observatório de Palavras recuou e o excluiu de seu acervo<sup>7</sup>.

## 6. Mudanças linguístico-discursivas no português brasileiro

Algumas mudanças linguístico-discursivas vêm sendo implementadas no Brasil em favor da adoção de uma linguagem politicamente correta. Esse movimento reprovava o uso de termos relacionados negativamente às palavras e propõe a substituição de tais termos por outros, considerados "neutros" ou "não marcados", a fim de combater o racismo, o machismo e diversas outras formas de discriminação (BARONAS e POSSENTI, 2006):

O movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado [...]. As formas linguísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida em que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas linguísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (mulato, denegrir, judiar, anchorman, history etc). A análise desses fatos, na medida em que são confrontados com os de uma linguagem que, ao contrário dessa, seria politicamente correta, permite discutir o que pode significar, em especial para teorias do sentido, esta atividade "epilingüística" que classifica expressões em politicamente corretas ou incorretas e que transforma esta qualificação em militância (BARONAS e POSSENTI, 2006, p. 53).

<sup>5</sup> WELLE, Deutsche. **Canadá altera hino para respeitar neutralidade de gênero.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/canada-altera-hino-para-respeitar-neutralidade-de-genero.ghtml>>. Acesso em: 22 de out 2020.

<sup>6</sup> ZIMONJIC, Peter; ALLEN, Bonnie. **Canadians will soon be able to ID gender as 'X' on their passports.** Disponível em: <<https://www.cbc.ca/news/politics/transgender-passport-x-identify-1.4261667>>. Acesso em: 22 de out 2020.

<sup>7</sup> LA REPÚBLICA. **RAE elimina pronombre "elle" de su Observatorio de Palabras.** Disponível em: <<https://larepublica.pe/cultural/2020/11/08/rae-elimina-pronombre-elle-de-su-observatorio-de-palabras-mdga/>>. Acesso em 15 de out 2020.

Resende (1992) acrescenta que em Washington, nos Estados Unidos, os que advogam pelas causas indígenas pleiteiam pela mudança do nome do time de futebol *Redskins*, sob o argumento de que chamar de “pele vermelha” um jogador de futebol soa como deboche. E acrescenta que a expressão “rubro negro”, para denominar torcedores do time de futebol carioca Flamengo, ofenderia negros e indígenas. O autor aduz ainda que, se essa linguagem for aceita e padronizada, muitas palavras vão ser cassadas.

De fato, se isso acontecer, muitas palavras serão consideradas politicamente incorretas. Por esse motivo, há certa resistência entre os profissionais da Língua Portuguesa em reavaliar ou reinterpretar o uso dessas palavras e expressões usadas cotidianamente e que denotam racismo, antissemitismo ou capacitismo, como, por exemplo: denegrir, lista negra, “a coisa tá preta”, criado-mudo, termos considerados racistas; judiar, verbo que remete aos ataques sofridos pelo povo judeu; demente, termo capacitista que ofende portadores de doenças mentais.

### **7. A relação entre gênero, língua e poder no uso do masculino genérico**

O masculino genérico ou não marcado é a construção gramatical em que o gênero masculino é utilizado para se referir a todos os gêneros. Essa representação acontece quando não sabemos o gênero de quem estamos nos referindo, como em “o homem é um animal da ordem dos primatas” (MÄDER e MOURA, 2016, p. 34), ou ainda quando há um conjunto de pessoas de ambos os gêneros, bastando somente uma manifestação do masculino para que essa regra seja aplicada, como em “os brasileiros formam uma nacionalidade ligada de forma indissociável ao Estado brasileiro” (MÄDER e MOURA, 2016, p. 34).

O masculino genérico é usado também quando o sujeito é composto por pelo menos um nome masculino e um nome feminino e o predicado concorda com o masculino, como em “[...] o homem e a mulher são formados pela cultura e pela sociedade em que vivem [...]” (MÄDER e MOURA, 2016, p. 34). Por fim, temos a utilização nos casos em que o gênero do sujeito é indefinido e o predicado concorda no masculino, como em “quais são os direitos de quem foi demitido?” (MÄDER e MOURA, 2016, p. 34).

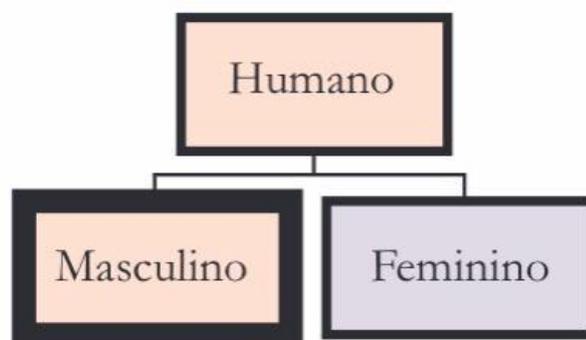
Sobre esse assunto, Bagno (2011) aduz que os destinos do idioma são determinados pelas pessoas que compõem a sociedade, que, desde a pré-história, é norteadada pelo domínio masculino. Afirma, ainda, que, se uma mulher e seu cachorro são atropelados por

um motorista embriagado, os jornais veicularão a notícia como “mulher e cachorro são atropelados por motorista bêbado”, ou seja, é necessário um cachorro para fazer sumir a especificidade feminina de uma mulher e inseri-la em uma construção supostamente “neutra” do masculino.

Embora no português o masculino genérico seja a “regra”, em alguns contextos é possível observar o uso do feminino genérico, principalmente ao se referir a profissões estereotipicamente femininas, como enfermeira, secretária, empregada doméstica. Nesses casos, mesmo que haja pessoas de todos os gêneros exercendo essas funções, o uso do feminino predomina. Vejamos: “Médicos, enfermeiras e funcionários de saúde necessários para combater urgentemente o vírus da ébola, afirma a Agência de Saúde da ONU” (MÄDER e MOURA, 2016, p. 40) e “[...] A maioria das profissionais com esse nível de qualificação já está empregada, o que faz com que os recrutadores abordem as assistentes, como acontece na busca por executivos” (MÄDER e MOURA, 2016, p. 40).

Podemos inferir da leitura dos exemplos acima que a escolha do uso do masculino genérico – e até mesmo do feminino genérico – perpassa o nível social e é direcionada por estereótipos definidos pelo contexto sócio-histórico. Contudo, esse conceito de masculino genérico apresenta alguns problemas, entre eles o de que, de acordo com a concepção de “gênero não marcado”, o masculino teria um *status* mais importante do que o feminino, pois sairia de uma categoria básica, masculino e feminino, para uma superordenada, a de *ser humano* (MÄDER e MOURA, 2016):

**Figura 4** - Modelo metonímico das categorias masculino, feminino e (*ser*) humano



Fonte: Mäder e Moura (2016)

Para propor mudanças que auxiliem na adoção de uma linguagem simétrica do masculino em relação ao feminino nas construções frasais do português, o *Manual para o uso não sexista da linguagem* (2014) elencou alternativas para a utilização de uma linguagem inclusiva e sem marcação de gênero:

**Quadro 2** - Recursos linguísticos não sexistas

| <b>Em lugar de:</b>                                  | <b>Utilizar:</b>  |
|--|---|
| Os meninos   | As crianças / A infância  |
| Os homens  | A população / O povo  |
| Os cidadãos  | A cidadania   |
| Os filhos  | A descendência / A prole  |
| Os trabalhadores                                     | O pessoal/Os professores/ O professorado/ O corpo docente/ Os eleitores/ O eleitorado |
| Os jovens  | A juventude   |
| Os homens  | A humanidade  |
| Os jovens que desejem estudar                        | A juventude que deseje estudar  |
| Os gaúchos não querem que                            | A sociedade gaúcha não quer que   |
| Os maiores de idade receberão uma                    | As pessoas maiores receberão uma  |
| O diretor/os diretores                               | A Direção   |
| O coordenador/os coordenadores                       | A Coordenação   |
| Os redatores   | A Redação   |
| Pediu-se aos juízes                                  | Pediu-se ao poder judiciário  |
| Necessitam-se formados em                            | Necessitam-se pessoas formadas em   |
| Há 2.000 anos o homem vivia da caça                  | Há 2.000 anos se vivia da caça  |
| Os leitores do jornal poderão participar do concurso | Se vocês leem o jornal poderão participar do concurso                                 |

Fonte: Manual para o uso não sexista da linguagem (2014).

A utilização do masculino genérico é problemática por diversos motivos, mas o principal deles é a substituição da parte pelo todo, ou seja, homem por humano. Esse recurso linguístico atribui ao gênero masculino uma característica geral ou universal, que seria capaz de abranger a totalidade dos seres e das coisas, o que colocaria o homem num patamar mais elevado que a mulher, contribuindo, dessa forma, para a perpetuação de falas e comportamentos machistas praticados pela sociedade.

## Considerações finais

A partir dos aspectos supracitados e levando em consideração a exposição dos fatos a respeito da reestruturação do gênero no português brasileiro, podemos concluir que ainda há um longo caminho a ser trilhado no que tange à mudança da gramática normativa para a inclusão definitiva de uma terceira marca de gênero, visto que qualquer alteração a nível morfossintático e semântico na Língua Portuguesa apresenta bastante resistência e certa impermeabilidade.

Contudo, é importante considerar as mudanças sociais ocorridas até aqui. A sociedade tem se mostrado aberta e disposta a aprender novos conceitos e termos que delineiam as identidades binárias. Vocábulos como cisgênero, transgênero, papéis e identidades, gênero não binário e linguagem neutra, que há pouco não existiam, já fazem parte da consciência coletiva da população brasileira.

Por fim, é importante que os linguistas e gramáticos estejam atentos e preparados para as mudanças sociais que surgem a todo momento e que impactam diretamente na Língua Portuguesa, possibilitando a ampliação ou a construção de categorias linguísticas que representem a todos, todas e todes.

## Referências bibliográficas

ALLEN, Maj D.L. **Beyond the gender binary: Tackling non-binary and transgender issues in the Canadian armed forces.** *Canadian forces college - COLLÈGE DES FORCES CANADIENNES* JCSP 41 DL – PCEMI 41 AD, 2015 – 2016

BÄCK, Emma A.; LINDQVIST, Anna; SENDÉN, Marie Gustafsson. **Hen. Bakgrund, attityder och användande.** *Psykologiska rapporter från Lund* Volym 8, Nr. 1, 2018.

BAGNO, Marcos. **Polêmica: Presidenta, sim!, 2011.** Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/blogs/rodrigovianna/brodrigovianna-presidenta-sim/>>. Acesso em: 29 de out. 2020.

BARONAS, Leiser; POSSENTI, Sírio. **A LINGUAGEM POLITICAMENTE CORRETA NO BRASIL: UMA LÍNGUA DE MADEIRA?.** *POLIFONIA, CUIABÁ EdUFMT*, V. 12 N. 2. p. 47-72, 2006.

BERLUCCI, Pri; ZANELLA Andrea. **MANIFESTO ILE PARA UMA COMUNICAÇÃO RADICALMENTE INCLUSIVA**, 2015. Disponível em: <<https://diversitybbox.com/pt/manifesto-ile-para-uma-comunicacao-radicalmente-inclusiva>>. Acesso em: 10 de out. de 2020.

BERLUCCI, Pri; ZANELLA Andrea. **UM GUIA PARA PROMOVER A LINGUAGEM INCLUSIVA EM PORTUGUÊS**, 2020. Disponível em: <<https://diversitybbox.com/pt/um-guia-para-promover-a-linguagem-inclusiva-em-portugues>>. Acesso em: 10 de out. de 2020.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **ESTRUTURA DA LÍNGUA PORTUGUESA**. 363ª Edição. Petrópolis: ÔI EDITORA Y VOZES, 2004.

CASSIANO, Ophelia. **Guia para “Linguagem Neutra” (PT-BR)**. Disponível em: <<https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>>. Acesso em: 17 de out. de 2020.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013

FREITAS, Horácio Rolim de. **Funcionalidade na “grammática” de**

**Fernão de Oliveira na visão de Eugenio Coseriu**, in: IDIOMA 19. Rio de Janeiro, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

GROSSI, Miriam. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Antropologia em Primeira Mão, n. 24, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1998 (revisado em 2010).

**Guia Todxs Nós de Linguagem Inclusiva**. Disponível em:

<<https://pji.portaldosjornalistas.com.br/wp-content/uploads/2020/05/GuiaTodxsNos.pdf>>.

Acesso em: 15 de dez 2020.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica: com um ensaio de Ataliba T. de Castilho sobre “O Português do Brasil”**. 3ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1999.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos** / Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012.

JUNO. **Deixando o X para trás na linguagem neutra de gênero.** Disponível em: <<http://resistindo.org/wp-content/uploads/2016/04/Como-utilizar-a-linguagem-neutra.pdf>>. Acesso em: 10 de out. de 2020.

PETTER, Margarida. **linguagem, língua, linguística**, in: **Introdução à linguística** (org.) 5. ed., 1ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2007.

MÄDER, G. R. C.; MOURA, H. M. DE M. **O masculino genérico sob uma perspectiva cognitivo-funcionalista.** *Revista do GELNE*, v. 17, n. 1/2, p. 33-54, 12 set. 2016.

MARTIN, John W. **Gênero?**. Publicação original: *Revista Brasileira de Linguística* 2, p. 3-8, 1975.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe.** São Paulo: Contexto, 2006.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa** / coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

PACHECO, Cíntia da Silva. **Padrões Sociolinguísticos da concordância de gênero na Baixada Cuiabana.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

REIS, Neilton dos; PINHO, Raquel. **GÊNEROS NÃO-BINÁRIOS: IDENTIDADES, EXPRESSÕES E EDUCAÇÃO.** *Revista Reflexão e Ação*, v. 24, n. 1, p. 7-25, Santa Cruz do Sul, Jan./Abr. 2016.

ROWEDER, Rainer Jerônimo. **O TERCEIRO GÊNERO: POLÍTICAS PÚBLICAS E MECANISMOS JURÍDICOS DE VALORIZAÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA PELO VIÉS DO GÊNERO.** Dissertação (Mestrado em Direito e Processo Coletivo) – Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SCHWINDT, L. C. **Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico.** *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 1, p. 1-23, 17 nov. 2020.

University of Wisconsin. **gender-neutral pronouns in academic writing.** Writing Center, 2017

VITIELLO, Ruben. **Linguaggio inclusivo in italiano: guida pratica per chi scrive per lavoro (e non)**. Disponível em: <<https://www.tdm-magazine.it/linguaggio-inclusivo-in-italiano-guida-pratica/>>. Acesso em: 22 de out. de 2020.